

Rios: mais que cenários, importantes elementos na literatura brasileira¹

Lilian Karla dos Santos Almeida²
Edimildo de Jesus Barroso Passos³

Resumo: O presente artigo busca expor o estudo realizado com o objetivo de demonstrar a importante presença do rio como cenário e, às vezes, até, personificado em obras que compõem a literatura brasileira. No decorrer do trabalho, percebemos, assim, a importância desse elemento não apenas sob a ótica da ficção, mas, principalmente, da realidade. O levantamento das informações aqui apresentadas foram colhidas através de uma pesquisa de cunho bibliográfico com uma minuciosa análise dos conteúdos utilizados. Essa abordagem resultou em constatar como os rios são abordados dentro das obras literárias. Portanto, objetivou-se demonstrar como os rios podem ocupar lugar de destaque na literatura, inclusive como personagens, e, não apenas na ficção, mas na vida de muitas pessoas. Comprovar cientificamente como esses rios podem determinar a vida das pessoas foi uma forma encontrada de intertextualizar ficção e realidade. Analisar obras em que determinados rios aparecem com tanta importância que podem ser considerados personagens da narrativa é uma forma de expressar a preocupação que se deve ter com eles sob qualquer circunstância, não apenas nas histórias. Baseados nisso, entendemos que o presente trabalho torna-se relevante não apenas como elemento personificado dentro da literatura brasileira, mas como elemento vital. A metodologia utilizada para o presente estudo partiu inicialmente de várias ideias sobre temas diversos. Após chegarmos à conclusão do tema que seria abordado demos início à aquisição de referências que situavam o rio em um patamar elevado como elemento da narrativa. Para embasamento da pesquisa foram utilizados vários autores e títulos como por exemplo: ADOLFS; ANDRADE; CÂNDIDO; CASTRO; FONSECA; SILVEIRA etc.

Palavras-chave: Rio; Personagem; Ficção; Literatura Brasileira

Abstract: The present article looks for to expose the study accomplished with the objective of demonstrating the important presence of the river as scenery and, sometimes, until, personified in works that compose the Brazilian literature. In elapsing of the work, we noticed, like this, the importance of that element not just under the optics of the fiction, but, mainly, of the reality. The rising of information here is harvested through an investigation of an accurate bibliography with an in-depth analysis of data used. This question is related to the fact that rivers are of interest for literary works. Therefore, it aims to show his stories as a highlight in literature, including as characters, and not only in fiction but in the lives of many people. Scientifically proving how rivers can determine people's lives is a found way of intertextualizing fiction and reality. Analyzing the pages of the publication highlighting those who are characters in the narrative is a way of expressing a problem that can cause them to their circumstance, not just in the stories. Based on this, we understand that the present work becomes relevant not only as an element personified within the Brazilian literature, but as a vital element. The methodology used for the present study started from several ideas about several themes. After we reach the conclusion of the theme that would be approached gave beginning to the acquisition of references that you/they placed the river in a high landing as element of the narrative. To basement of the search several authors and titles were used, as example: ADOLFS; ANDRADE; CÂNDIDO; CASTRO; FONSECA; SILVEIRA etc.

Keywords: River; Character; Fiction; Brazilian Literature

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Humaitá – AM.

² Acadêmica finalista.

³ Professor Mestre/Orientador. UFAM/IEAA/Humaitá

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade expor um estudo acerca da ocupação que os rios exercem na literatura brasileira, inclusive como personagens. Essa valorização ao rio, na literatura, é percebida por esses estarem sempre presentes no desenvolvimento das tramas que compõem muitas obras literárias. Na ficção, portanto, o rio é um elemento muito importante para dar sustentação às criações de diversos enredos. Da mesma forma que na ficção, na vida das pessoas que habitam suas margens, os rios, também, desempenham importante papel.

A partir da percepção, em muitas obras literárias, quanto à presença do “rio” nessas narrativas, concluímos que essa seria a temática abordada: a presença do “rio” na literatura. Como muitos sabem, nas margens dos rios é que as primeiras civilizações começaram a se organizar. Foi devido a essas organizações que começou, então, todo o processo de povoação dessas margens que, mais tarde, se transformaram nas primeiras cidades de que se têm informações. Os rios foram, portanto, muito importantes para o estabelecimento definitivo das sociedades, sem falar, do valor inigualável que esses inúmeros rios têm para a população mundial em se tratando de sobrevivência e, também, em relação ao fator econômico.

Em muitas narrativas o rio aparece como cenário decisivo em várias situações. Essa influência dos rios no desenvolvimento das tramas, em muitos casos chega a ser tão intensa que o rio acaba tornando-se personagem decisivo para determinados desfechos. Nesses casos, os rios deixam de ser meros cenários e tornam-se personagens decisivos no transcurso da narrativa, desempenhando assim, papel de suma importância tanto no transcorrer quanto no desfecho de muitas situações.

No livro “Entre rios”, por exemplo, que possui vários contos cuja temática aborda o rio como elemento vital para a existência da narrativa, percebemos o valor dado, ao rio como inspirador de criação literária. Percebemos, ainda, nos contos desse livro, assim como em muitas outras obras, as influências que esses rios exercem na vida das personagens. O modo como essas influências são demonstradas através da literatura, fazem com que percebamos que a presença do rio pode gerar consequências tanto para o lado positivo quanto para o lado negativo.

A partir de tais evidências, podemos perceber a importância do “rio”, tanto para a arte quanto para a vida. Na obra “Látex”, de Marcos Adolfs, por exemplo, a personagem João de Deus, comandante do vapor Paes de Carvalho, não existiria,

nem mesmo esses navios-gaiola existiriam. Afinal, para haver comandantes era necessário que houvesse navios-gaiola e, para que estes existissem, rios eram necessários, do contrário, por onde navegariam? No capítulo XXXII, dessa obra, fica evidente a relação entre o rio e a vida da referida personagem na simples frase: “De volta ao rio...” e mais à frente quando em conversa com outra personagem o comandante ressalta: “[...] Tudo nessa região esquecida começa e termina nos rios [...]” (ADOLFS, 2000, p. 142).

Ainda nesta obra, percebemos como o rio pode proporcionar a liberdade, quando o índio, uma das personagens principais da narrativa, consegue fugir, em uma canoa, para escapar da prisão, onde vinha sendo mantido e, conseqüentemente, da morte. Essa fuga para a liberdade tendo o rio como aliado, pode ser percebida, também, no conto “A terceira margem do rio”, contido na obra “Primeiras Estórias”, de Guimarães Rosa. Neste conto o narrador-personagem conta que seu pai, para se ver livre das opressões da esposa, manda fazer uma canoa cuja mesma lhe servirá de abrigo, rio a fora, por toda sua vida (ROSA, 2001).

Portanto, ao longo desse artigo, presenciaremos como muitos autores utilizam o rio de modo que este seja tão importante na trama quanto a própria trama. Dessa forma compreendemos que não se pode deixar de considerar tamanha importância para a construção literária. O rio não é, pois, na literatura, assim como na vida, mero coadjuvante. Ele é, em grande medida, parte da vida das personagens assim como é parte da vida na realidade.

2 Rio: exórdio das civilizações

Desde os primórdios da humanidade, os rios têm ocupado lugar de destaque nas histórias repassadas de geração a geração e, conseqüentemente, na história da humanidade. Não é sem razão, portanto, que boa parte da literatura aborda temáticas que de um modo ou de outro se desenvolve tendo um rio como parte fundamental dos acontecimentos. E, seja com grande ou pequena influência, ele está lá, presente, fazendo parte da narrativa como uma verdadeira personagem. As margens dos rios foram sendo habitadas, dentre outros motivos, por possuírem grande abundância de fertilidade em seu solo, o que proporcionava melhores condições de vida para as civilizações. Com os ciclos das águas fluviais, os rios promovem vida, mas também as destrói. Dependendo da região, da época e da intensidade das estações do ano, esses ciclos acontecem com maior ou menor força, isto é, tanto podem ser benéficos quanto maléficos.

Para as primeiras civilizações, os rios foram fundamentais devido os beneficiamentos que esses produziam nas terras o que ofereciam condições de sobrevivência para os povos. Segundo Faber (2011, p.10), “O Egito antigo surgiu e se desenvolveu no entorno do Rio Nilo. Conforme afirmou o historiador grego Heródoto ‘O Egito é uma dádiva do Nilo’. Com isso, não é incorreto afirmar que o Egito antigo existia graças ao Nilo”. Ainda para o autor, sobre outra região onde os rios proporcionam o surgimento e procriação de vidas: a “Mesopotâmia vem do Grego e quer dizer “entre rios” (*meso* = meio, entre. Já *potamus* = rio. *Potamus* deu origem ao termo que designa a água que é boa para beber, ou seja, potável). “Entre rios” faz referência ao fato da região ficar entre os rios Tigre e Eufrates”. Faber (2011, p.14).

Além de proporcionar esses sustentos, os rios foram um dos grandes, se não o maior, intermediário do crescimento comercial da Europa durante a Idade Média. Foram por eles estabelecidos e criados os novos centros mercantis. Coelho & Havens, ressaltam que:

Essa nova classe social, ainda na Idade Média, estabeleceu-se e desenvolveu novos centros comerciais ao longo de rios, tais como o Reno, Danúbio, Sena, Tejo, Tâmesa e muitos outros. Pode-se mesmo dizer que os rios da Europa foram os condutores do progresso e, mais do que isso, os cursos d’água foram os agentes libertadores que possibilitaram o desenvolvimento do comércio

libertando milhões de pessoas do regime feudal e da servidão.
(COELHO & HAVENS, 2015, p.34)

Conforme mencionamos, os rios europeus, assim como outrem, espalhados pelo mundo, foram vantajosos tanto para a economia, com a abertura de novas fontes de rendas mediante o comércio, quanto para as práticas sociais, afinal, com a expansão comercial os europeus conseguiram extinguir o regime escravocrata da época e, muitos escravos que viviam à margem da sociedade, passaram a fazer parte desta.

Porém, nem sempre o rio proporciona benefícios. Assim como outras riquezas para o homem, a água também gera conflitos. Isso pode ser exemplificado pela história dos povos que viveram às margens dos rios Tigre e Eufrates, região que, por essa localização entre esses dois rios, foi chamada de Mesopotâmia:

A localização privilegiada proporciona à Mesopotâmia um solo muito fértil, responsável por duas colheitas anuais. A fertilidade do solo permitiu o desenvolvimento da agricultura e da pecuária na região. Porém, essa abundância ocasionou numa série de disputas pelo controle das terras beira rio (FABER, 2011, p.15)

Os conflitos surgiram, conseqüentemente, por questões de poderes e domínio, principalmente, devido ao enorme aumento da lavoura. Com isso, os povos que habitavam esses locais, às margens dos rios, começaram a enfrentar grandes desavenças com outros grupos humanos devido ao resultado positivo que a lavoura produzia. Essa produção sempre positiva era devido à fertilidade das terras localizadas às margens dos rios que delimitavam a Mesopotâmia. Faber nos afirmar, por exemplo, que:

A riqueza da Mesopotâmia possibilitou o nascimento de uma próspera sociedade agrícola. A cidade da Babilônia [...] demonstra toda essa riqueza. Por sinal, a prosperidade e a riqueza que atraíram a cobiça de Ciro, rei da Pérsia, que conquistou a cidade toda da região em 550 a. C., pondo fim na independência política mesopotâmica (FABER, 2011, p.17).

Portanto, ao mesmo tempo em que um rio torna umas terras férteis, produzindo riquezas, ele faz com que ela se torne desejada por todos, gerando, conseqüentemente, conflitos. Porém, não é apenas nos antepassados da humanidade que encontramos exemplos desse contraste entre os benefícios para a

vida que um rio pode proporcionar ao homem e o quanto esses benefícios acabam por causar conflitos que levam à morte.

No caso do Brasil, por exemplo, os rios têm uma relação que está estreitamente ligada com a história e, conseqüentemente, com a cultura desse povo. Como podemos perceber pelas palavras de SILVEIRA:

Suas águas calmas ou não, límpidas ou barrentas, escuras ou transparentes, poluídas ou não, falam de nós: de nossa vida e origem, de nosso desenvolvimento, de nossas cegueiras e contradições, de nosso passado e de nosso futuro. Foi às suas margens, e por meio deles, que o Brasil se fez como nação. Não existiríamos sem nossos rios e não existiríamos sem eles. Mais ainda: o Brasil tem a maior reserva de água doce do planeta. Uma riqueza extraordinária que, no entanto, passa por graves problemas: a água é uma das riquezas naturais mais ameaçadas do mundo. Algumas chegam a dizer, inclusive, que será o pivô de possíveis guerras esse milênio (SILVEIRA, 2014, p. 17).

Uma das importâncias dos rios para o território brasileiro é pelo fato de serem os precursores da formação dessa sociedade. Além dessa, outra grande importância, é a riqueza que a grande bacia hidrográfica proporciona ao país. Isso, como já dito em outro exemplo, é uma realidade geradora de cobiça para outros povos. Afinal, apenas a água “doce” que forma os inúmeros rios brasileiros já é uma enorme riqueza e, desse tesouro, muitos povos não dispõem. Prova disso é o que vem acontecendo há alguns anos no Brasil, mais especificamente no Amazonas, conforme a matéria seguinte:

Navios roubam água dos rios da Amazônia
Depois de sofrer com a biopirataria, com o roubo de minérios e madeiras nobres, agora a Amazônia está enfrentando o tráfico de água doce. Uma nova modalidade de saque aos recursos naturais denominada hidropirataria. Cientistas e autoridades brasileiras foram informadas que navios petroleiros estão reabastecendo seus reservatórios no Rio Amazonas antes de sair das águas nacionais. Porém a falta de uma denúncia formal tem impedido a Agência Nacional de Águas (ANA), responsável por esse tipo de fiscalização, de atuar no caso (FARFAN, 2004).

Esse caso, apesar de polêmico, foi amplamente divulgado. Talvez isso tenha ocorrido por falta de fiscalizações mais intensas que comprovassem suficientemente tal prática criminosa. Porém, independente, ou não, de provas suficientes o suposto

crime não passou despercebido conforme nos mostra a seguinte matéria publicada pelo jornalista Adrien Marinho (2015):

O roubo da água doce do Brasil

Há alguns dias o país se surpreendeu com a notícia de que possivelmente estariam roubando água doce do Brasil. A operação ocorreria da seguinte forma: as embarcações estrangeiras entram em território brasileiro com contêineres que, depois de descarregados no porto de Manaus, colocam água em seus porões e a comercializam no exterior, principalmente em países da Europa, Oriente Médio e Ásia (MARINHO, 2015).

Diante disso, podemos perceber o quão importante é a função que o rio exerce nas vidas dos seres humanos. O tempo passou, mas essa função não perdeu a sua essência, nos dias atuais ainda é perceptível o grande poder que o rio exerce sobre a vida das pessoas.

3 O rio: mais que um espaço, um importante personagem na ficção

Quando pronunciamos a palavra “rio” e relacionamos com a literatura, a ideia que surge, logo em seguida, é a de um espaço e/ou ambiente que esse constituirá dentro de determinada obra literária. Todavia, os rios, dentro do mundo literário, vão muito além do que um simples espaço. As metáforas e símbolos que são relacionadas a eles, nos remetem a um campo extenso, podendo transmitir ao leitor não só essa ideia de espaço e/ou ambiente, mas também a ideia de personagem dentro da narrativa, embora haja diferentes conceitos sobre o que materializa um personagem dentro de uma obra literária.

Vejamos o que Rosenfeld (2009, p.21) nos diz a respeito desse elemento da narrativa, que é de extrema importância: “É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza”. Os fatos que permeiam a narrativa se tornam mais evidentes diante da presença de um personagem, visto que, esse personagem, mesmo sendo um rio, pode proporcionar todos os acontecimentos no decorrer da narrativa, tanto para o lado positivo, quanto para o negativo.

De fato, a influência de um personagem dessa grandeza é de suma importância no decorrer de determinada trama. Vejamos, por exemplo, o que acontece na vida das pessoas quando dela o rio é parte corriqueira. Nos referindo à

obra “Látex”, do escritor Amazonense, Marcos Adolfs, no capítulo XXVIII, em uma das viagens do navio comandado por João de Deus quando já bem depois de deixar o Urucurituba, o vapor navegava em direção a Itacoatiara. De repente o comandante avistou ao longe uma canoa enfrentando o banzeiro e diminui a macha do navio para evitar acidente. Quando a canoa se aproximou do navio o comandante viu que era um casal de caboclos e o homem e gritava pedindo ajuda para a mulher que estava com dores de parto. “– É um menino!” Disse o comandante. O pai agradeceu, perguntou o nome do comandante e disse que esse seria, também, o nome de seu filho, João de Deus (ADOLFS, 2000).

Cada elemento da narrativa possui sua devida importância. Estes, sendo parte de um todo, se complementam para, assim, poderem se concretizar como um todo, como uma obra literária. Portanto, todos os elementos de uma narrativa devem estar proporcionalmente interligados em prol de um mesmo objetivo: a completude da obra literária. A respeito disso, Cândido ressalta que:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. [...] a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção, transparências etc. [...] pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo [...] (CÂNDIDO, 2009, p.53).

Não temos, logo, elementos mais, ou menos importantes, até porque, todos têm sua própria relevância dentro de uma obra literária. Com tudo, em uma narrativa, normalmente, se encontra um que se sobrepõe a outro. Podemos citar como exemplo o caso de personagens quando estes se encontram na condição de protagonistas ou antagonistas.

Dentro da literatura, de um modo geral, é perceptível a ligação existente entre ficção e realidade, com o intuito mesmo de evidenciar tais semelhanças. Dessa forma, faz-se com que a personagem seja colocada à prova, mostrando esses aspectos significativos que chegam a ocorrer, de fato, no cotidiano das pessoas. Sobre isso, Rosenfeld nos diz que:

Precisamente pela limitação das orações, as personagens têm maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes

mostram pelo menos nisso coerência); maior exemplaridade (mesmo quando banais; pense-se na banalidade exemplar de certas personagens de Tchecov e Ionesco); maior significação; e, paradoxalmente, também maior riqueza – não por serem mais ricas do que as pessoas reais, e sim em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consistente (ROSENFELD, 2009, p. 35).

Há casos em que uma personagem é construída de modo a reunir mais características que um ser real. Isso ocorre, justamente, pelo fato dos personagens serem construídos voltados para determinados fins, com peculiaridades específicas a fim de adquirirem características mais lógicas de acordo com as tramas desenvolvidas no decorrer da narrativa. No caso de um rio quando “age” como influenciador na vida dos outros personagens (porque em muitos casos o rio pode ser considerado, também, um personagem, pela importância dentro da trama) podemos dizer que este possui tantas ou mais características que muitos outros personagens.

A literatura brasileira é rica em narrativas que retratam a influência dos rios no desenvolvimento da história de diversos personagens. Em determinadas regiões o rio está presente nas tramas e, conseqüentemente, na vida dos personagens com bastante frequência. De acordo com a região onde a literatura é produzida, os ambientes podem ser mais, ou menos inspirados na realidade local. Portanto, se no cenário real há rio, certamente haverá na ficção. No caso da região Amazônica, essa presença do rio na literatura é muito mais evidente que em outras regiões do país.

Enquanto as águas subiam, a pachorrenta Manaus, adormecida e quieta, respirava o ar de antigas lembranças. Preguiçosamente debruçada à margem do grande rio de águas negras, tinha ares de monja reclusa, penitente e sonolenta. Afora a enchente, nenhum fato novo acontecia que lhe viesse alterar a quietude de seu ensimesmado dia-a-dia (VASCONCELOS, 1997. p. 7).

No entanto, não é rara a utilização do rio em tramas que se desenvolvem em diversas regiões brasileiras. Muitas vezes, em uma obra, não é feita referência ao rio apenas como influenciador na vida de uma personagem, mas de toda uma cidade. No conto “Os Piratas do Guaíba”, de Moacyr Scliar, constante no livro “Entre Rios”, percebemos a interferência do rio na vida de muitas pessoas não apenas em um determinado momento, mas em toda sua história, tanto no passado quanto no

presente. Nesse conto, literatura e realidade se misturam para contar algo sobre a história de uma população:

Do apartamento em que agora vivo, num bairro de classe média de Porto Alegre, vejo o Guaíba, o rio que, segundo especialista, não é rio, mas sim um lago, mas que, rio ou lago, faz parte da vida da cidade de seus habitantes. Muitos porto-alegrenses contam histórias pitorescas, ou penosas, ou pitorescas e penosas sobre o Guaíba – lembrando, por exemplo, a grande enchente de 1941, que representou para a cidade algo semelhante ao dilúvio bíblico (SCLIAR, 2014, p. 139).

Além das duas citações anteriores, podemos citar também a obra “Macunaíma”, do escritor modernista Mário de Andrade. Nessa obra, em determinado momento os personagens – os irmãos e mãe do protagonista – passam por uma grande dificuldade em relação à alimentação. Tudo se torna tão difícil que a família chega a não ter o que comer, devido a ausência de comida no local. Diante dessa situação, o protagonista do romance, Macunaíma, vai em busca de alimentos, e sua única solução para conseguir tais coisas será através do rio:

Macunaíma estava muito contrariado por causa da fome. No outro dia falou pra velha:
– Mãe, quem que leva nossa casa pra outra banda do rio lá no teso, quem leva? Fecha os olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim. A velha fez. Macunaíma pediu para ela ficar mais tempos com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flechas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos esses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos estava lá e tinha caça peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana (ANDRADE, 2004, p. 18).

Como podemos perceber, no fragmento acima, a presença do rio nessa obra, faz como que o protagonista vá até ele e possa conseguir alcançar o seu objetivo, que era obter comida. Agindo assim, já que o rio é, normalmente, fonte de vida, Macunaíma consegue alimento para sua subsistência e, também, de sua família. Nesse instante, percebemos a extrema importância que o rio possui para a continuidade do enredo. Por conta disso, podemos dizer que ele é uma personagem de extrema importância e, graças à sua presença na narrativa, o romance tem sua continuidade.

A questão aqui não é, portanto, apenas a presença e sim a importância com que esse elemento natural é utilizado em se tratando de objeto influenciador no destino dos demais personagens. Em “Várzea dos Afogados”, por exemplo, de Antísthenes Pinto, o narrador onisciente relata histórias sobre a vida de ribeirinhos amazonenses, sujeitos aos benefícios e às catástrofes proporcionadas pelo rio, nos períodos das enchentes. Ocasionalmente a destruição de tudo que há em suas margens, além de trazer desespero e tristeza para essas pessoas, conforme nos mostra o autor:

– A enchente desse ano veio do arromba. Está vendo a igrejinha sendo engolida pelas águas? Eu lhe pergunto, compadre, o que se deve fazer nesse inferno?
As águas atingiram, também, o último degrau da escada, um palmo só para alagar o assoalho brechudo da barraca de Tabajara (PINTO, 1986, p.13).

Muitas vezes, diante das catástrofes ocasionadas pelos rios, começamos a cultivar um sentimento inferior acerca desse ambiente. Passamos a ver o rio como algo negativo. Isso ocorre devido às enchentes que acontecem e causam danos aos habitantes das regiões que são diretamente afetadas pelo volume das águas, principalmente as regiões às margens dos rios. Para esses habitantes, os ribeirinhos, durante essas épocas, muitas perdas materiais acontecem, mas, mesmo assim, para esses, o rio continua sendo um aliado importante na luta pela sobrevivência.

Na obra “Estirão de mundo”, de Paulo Jacob, o autor demonstra através de uma linguagem extremamente regional, a vital importância que tem o rio para o caboclo que deve a ele sua própria existência. Em uma apresentação do protagonista do romance – Chico Peba – o autor aproveita para evidenciar que o caboclo ribeirinho conta mais com a ajuda do rio, para sua sobrevivência, que do próprio Deus.

Chico, apelidação que se deu. Francisco, alumiação de batismo. Chico Peba do Anhenga, por de ser assim conhecido. Vivença nesse estirão de mundo. Destino de cada. Dá de sina infeliz, pegou o costureiro. Barriga encurtada. Pessoal entaguado, desventuroso. Povo de Deus. Não contando com seu ajuda. Adjutorado nenhum. A mata estruindo. O rio mandando a vivença (JACOB, 1979, p.65).

Apesar dos contratempos causados pelos ciclos dos rios e, mais que isso, pelas perdas causadas, a literatura não deixa de exaltar essa grande força natural. Há histórias em que o narrador utiliza termos para se referir ao rio que este chega a assemelhar-se, carinhosamente, ao ser humano. Em “Amazonas, Remansos, Rebojos e Banzeiros”, do amazonense Paulo Jacob, o narrador referindo-se a uma gigantesca árvore à beira de um rio, menciona: “O rio beijando os pés.” (JACOB, 1995, p. 14).

Corroborando com a exaltação feita ao rio, na literatura, Domingos Pellegrini, nos mostra no conto “A sereia do rio Paraná”, que o protagonista encontra no rio o único caminho capaz de servir de rota para procurar por seu pai, que viajara e, durante muito tempo, não retornara e nem mandara notícia alguma. Com aquela saudade e dúvida incessável, o filho, acompanhado pela mãe e o tio, foram em busca do pai: “[...] até o dia em que chegaram minhas férias na escola e a mãe falou vamos lá, vamos ver se o teu pai continua vivo” (PELLEGRINI, 2014, p. 24).

Para essa busca eles utilizaram diversos meios de transporte para conseguirem chegar ao destino pretendido. Primeiramente viajaram de ônibus, depois de carro até chegarem à margem do rio Paraná, onde fretaram um bote a motor, visto que, naquele momento era a única forma de continuarem a busca pelo pai do menino. De todo esse longo percurso, a maior parte foi viajando por esse rio:

[...] E fomos rio abaixo, rio afora, rio com mata dos dois lados e, de vez em quando, algum pasto grande ou plantação pequena [...]. O bote descia o rio perto da beira porque, conforme o barqueiro, no meio a correnteza era forte demais. E lá tem as maiores sereias, falou tio Tim (PELLEGRINI, 2014, p. 32).

A partir dessa e de outras constatações, percebemos que muitos enredos e algumas ações de outras personagens, jamais poderiam ser construídos, em determinadas obras, se não houvesse a presença dessa importante personagem. Com a ausência do rio, algumas tramas, principalmente quando o cenário é a região amazônica, teriam perdido grande parte de seu sentido como narrativa. Essa indispensável presença, pode ser percebida, também, na obra “A Selva”, do escritor Ferreira de Castro, em que os rios serviam de estradas tanto para o comércio quanto para o transporte de infortunados homens rumo aos seringais amazônicos:

Algumas vezes também o haviam tentando essas estradas líquidas que cortavam a selva imensa, mas sempre um pavor instintivo, amalgama [...]

– Fiquem aqui, que logo que o navio acabe de carregar se armam as rêdes – disse Balbino antes de subir para instalar-se na primeira classe.

Estavam já ali outros tabaréus ignaros, gente destinada aos seringais do Madeira (CASTRO, 1931, p. 20 e 31).

Destacamos, ainda, que, além de servir para os referidos transportes, foi através do rio que as demais personagens dessa narrativa conseguiram chegar aos vários ambientes que compõem o referido romance. Todos esses viajantes não teriam outra forma de chegar aos seus destinos a não ser pelos rios que ligavam a Amazônia ao restante do mundo.

Atualmente, percebemos que ainda há muitas pessoas que não respeitam e, muito menos, cuidam da fauna e da flora brasileiras. Com grande frequência, vemos os cenários de destruição do meio ambiente. Os ecossistemas aquáticos estão cada vez mais ameaçados, devido às poluições desenfreadas que ocorrem neles. Essa destruição dos rios acontece, principalmente, nas grandes cidades, onde o nível de poluição é bem maior que no interior das florestas. Índigo, em seu conto “O enterro do Tietê” traz, através do narrador-personagem, a ideia da morte, propriamente dita, desse rio, na cidade de São Paulo.

Sou chegada num velório, mas como aquele eu nunca vi. O caixão era ligeiramente maior que um caixão normal, pouca coisa só. Lá estava ele, o rio Tietê. Afora no seu leito de morte. Não consegui olhar por mais de um minuto. E olha que não tenho frescura com esse tipo de coisa. Fiz o sinal da cruz (ÍNDIGO. p. 49. 2014).

Como já foi dito, os rios fazem parte da história da humanidade fazendo, muitas vezes, devido sua presença na vida das pessoas, com que nos deparemos com uma certa mistura entre ficção e realidade. Com o Tietê, não é diferente. Ele estará literalmente ligado à cidade de São Paulo, não só geograficamente, mas histórica e economicamente também. Assim nos explica o Departamento de Água e Energia Elétrica da cidade de São Paulo, o que ilustra bem essa ligação entre essa cidade e o rio Tietê, e o tamanho da importância que um tem para o outro:

O Tietê passou a ser considerado o curso d'água que, melhor do que qualquer outro monumento, representava o espírito da capital dos

paulistas, mesmo sendo o curso preferencial de escoamento dos esgotos urbanos.

"Para contar sua história, é preciso lembrar inicialmente da evolução de São Paulo", como o diz o historiador Fausto Henrique Gomes Nogueira. São Paulo e o Tietê estão intimamente ligados, pela história, pela geografia, pela cultura, e também pelas dificuldades. Símbolo da cidade, trata-se de um personagem fundamental durante os períodos econômico das bandeiras, monções, da cafeicultura e da industrialização (NOGUEIRA, 2015).

O rio Tietê passou por vários problemas. Um dos maiores e mais agravantes foi a poluição e, posteriormente, a decadência dele, pois foi devido a essas causas que o rio começou a definhar. Índigo nos mostra no conto mencionado, o falecimento desse rio. E, devido à forma como a autora, através das personagens, se refere a ele, percebemos a personificação que lhe é atribuída dentro dessa narrativa. Desse modo, a autora o coloca em uma posição de tamanho destaque que não seria exagero afirmar que o rio Tietê é de fato o protagonista do conto. Nessa narrativa, por mais que o Tietê seja descrito como um rio, fica evidente sua caracterização como pessoa, através das situações e características dispensadas a ele durante o enredo. Como podemos perceber, a seguir, Índigo relata, com mais veracidade, a ideia de personificação desse rio.

- Foi melhor assim – sussurrou um senhor, acompanhado da esposa.
- Ele já estava morto há tempo. É isso o que temos de pensar. Eu já tinha ouvido esse papo antes, mas achava que era força de expressão.
- Aquilo não era vida – disse outro
- [...]
- Ele está tão diferente.
- Eles fazem uma maquiagem especial.
- Irreconhecível.
- No finzinho ele já estava totalmente desidratado, judiação.
- Era puro esgoto (ÍNDIGO, 2014, p. 50-51).

O rio também é personificado através das ações das outras personagens, que acabam fazendo com ele seja visto de tal maneira. Em algumas situações, quando o rio age como protagonista, essas ações realizadas por ele, podem ajudar ou prejudicar terceiros. Em “Órfãos do Eldorado”, por exemplo, do escritor amazonense Milton Hatoum, podemos perceber a ação do rio colaborando para as personagens realizarem seus objetivos: “[...] As mais afoitas escapavam para a beira do rio e se enxeriam para os rapazes de Manaus” (HATOUM, 2008, p.44). Por meio desse

depoimento, conseguimos observar que o rio nesses momentos, era o meio que facilitava esses encontros das moças com os rapazes.

Muitas das vezes, o rio chega a guardar segredos ou até mesmo lembranças vividas pelas demais personagens das tramas. Normalmente isso acontece quando por eles navegam e podem, assim, reviver e recordar tais memórias. Em muitos casos, essas recordações podem ser boas ou ruins. No conto “Cy do Araguaia”, da escritora Maria José Silveira, é retratada muito bem essa questão em se tratando de boas recordações:

Quando você veio comigo para conhecer esse belo rio do qual falo tanto, viemos até esta ilha de areia branca onde, na minha infância, eu vinha com os meus pais. Dormirmos, você e eu, uma noite aqui, sob uma lua cheia que nos enlouqueceu aos dois, claro que você se lembra (SILVEIRA, 2014, p.84).

Desse modo conseguimos observar a relação que o rio exerce com as demais personagens dentro da trama. Devido ao poder de fazer com que as demais personagens se envolvam nesse processo de rememoração, que muitas vezes traz para elas lembranças momentos bons ou ruins. Essa capacidade que tem o rio de influenciar, inclusive, nos pensamentos das demais personagens faz com que ele se torne a principal personagem dessa recordação.

Ainda nesse mesmo conto, que retrata os laços familiares, percebemos a forte presença do rio na vida da família que compõe o núcleo de personagens da narrativa. Essa intensidade da presença do rio faz com que ele faça parte da história desses indivíduos inclusive nas decisões e até no destino dos mesmos. A exemplo disso é a familiarização das demais personagens quando em contato com as águas do Araguaia:

Um deles: quando me puseram pela primeira vez nas águas do rio, eu nadei como se tivesse nascido nadando ali. “Tem bebê que é assim”, gargalhava meu pai. “Aprende a nadar no útero da mãe e não esquece mais.”

Outro: quando comecei a acompanhar os dois nas pescarias, o barco virava um chamariz para os cardumes do rio. [...] Outro ainda: muitas vezes íamos nadar em paragens distantes, o rio é imenso, você sabe, [...] (SILVEIRA, 2014, p.86). Grifo da autora.

Percebe-se que a família referida dentro do conto “Cy do Araguaia”, vive sob influência da personagem rio. Isso é perceptível, diante da relação em que se encontram ambos os personagens: família e o Araguaia. Devido a essa convivência tão intensa causada por ele se fazer sempre presente na vida dessa família, os destinos de ambos estão sempre interligados.

Ainda neste conto, podemos encontrar a personagem, o rio, praticando ou levando a serem praticadas atitudes de mistérios e segredos. Por conta disso, percebemos que todos os atos cometidos diante dessa personagem podem ser mantidos em sigilo, ou não. No decorrer da trama tais possibilidades, tornam-se mais evidentes. Essas evidências podem ser percebidas em uma atitude muito intrigante de uma das personagens:

Meu pai olhou para a menina no alto do barranco, olhou para mim, e parou o barco, levantando-se para ver melhor. Por um curto momento, não mais. Depois disse: “Ora, ora Violeta! Não é que parece com a nossa Cy?”. E soltando sua gargalhada, voltou a pôr o barco em movimento, e continuou, falando para minha mãe e consigo mesmo: “As duas foram geradas na beira desse rio. Ora! Deve ser por isso. Debaixo da mesma lua cheia”, e piscou malicioso para minha mãe que riu meio amarelo, mas riu, e me abraçou mais apertado (SILVEIRA, 2014, p.89).

Diante disso, o mistério em que a personagem é envolvida torna-se mais intenso. Através da narração acima, percebemos que as demais personagens da trama tomam algumas atitudes que, de certa forma, surpreendem o leitor e, conseqüentemente, isso causa um forte suspense e temor por meio de suas falas. Mas nem sempre a personagem rio conseguirá desvendar todos os segredos por ela presenciados. Uma das cenas de suspense em relação ao próprio rio é ilustrada quando o pai de Cy comenta sobre os rios e seus mistérios:

Então, foi com voz mais animada que ele continuou.
“Sabe, filha, eu fiquei pensando. Com tanta coisa que esse rio anda perdendo, é bom que não perca também seus mistérios. Um rio sem mistérios é um rio sem alma. Que este permaneça para sempre com os dele.” (SILVEIRA, 2014, p.98). Grifo da autora.

A ideia que concebemos através das falas das personagens, é que esses mistérios e segredos não devem ou não são possíveis de serem revelados. Afinal,

fazem parte das mais íntimas e profundas histórias dos rios e de quem dele depende. Com isso, fica evidente que o rio traz consigo todo esse mistério. Nem das demais personagens, muito menos do rio cabe ser desvendados esses segredos. Como já mencionado, os rios recebem essas características e, como se já fizesse parte dele, passa a ter esse caráter, no caso do referido conto, de misterioso e um tanto quanto intrigante e assustador.

Todas as obras literárias utilizadas na pesquisa que gerou o presente artigo são destinadas a um público mais maduro em relação a leituras, isto é não fazem parte da literatura infanto-juvenil. Apesar disso, conseguimos perceber que a presença do rio, dentro dos textos literários, não está voltada apenas para esse público mais adulto. Há na literatura abordagens ao rio como personagem, também para um público de leitores iniciantes, ou seja, para crianças ou adolescentes. Como nos apresenta Théa Fonseca, em seu livro “A História de um Rio”, assim como em toda a literatura aqui abordada, nesse conto, também, essa personagem, é referida com aspectos de personificação:

O tempo foi passando e os amigos continuaram crescendo.
O ribeirão tornou-se um rio, chamado Rio Claro. O peixe tinha mais de um palmo de comprimento e estava gordo, com escamas rosadas e brilhantes. Nadava confiante nas águas limpas do amigo (FONSECA, 1993, p. 14).

Ainda sobre o livro “A História de um Rio”, a autora personifica o rio de tal forma, que faz com que ele possa manter uma forte intimidade com os demais personagens do enredo. Perante isso, confirmamos a presença primordial do rio, na criação dessas tramas, inclusive quando destinadas ao público infanto-juvenil.

Num dia claro, em que o sol brilhava de jogar seus raios de luz ora aqui ora ali, o córrego sentiu um animalzinho engraçado que nadava rápido dentro dele. Era um filhote de peixe. Os dois conversavam na linguagem misteriosa da natureza. Era o primeiro peixe do riacho e começou entre os dois uma grande amizade. Ficaram inseparáveis. O peixinho prometeu acompanhar o riacho para sempre e o riacho prometeu proteger o peixinho (FONSECA, 1993, p. 11).

Diante disso, conseguimos identificar a presença do rio, também dentro das obras literárias infantis. Através disso, recordamos o grau da importância dessa personagem dentro da literatura. Como percebemos, a presença dessa

personagem, dentro das obras, vai do público infantil ao adulto. Isso faz com que esses primeiros leitores percebam e reconheçam o quão imprescindível é a presença que a personagem exerce dentro das obras literárias. A presença do rio em obras literárias torna essa personagem cada vez mais crucial para o desenvolvimento das tramas, principalmente quando se tratar de literatura produzida em uma região como a Amazônica.

4 CONCLUSÃO

Levando-se em consideração, o estudo levantado acerca do rio como personagem dentro da literatura, percebemos a importância deste, não apenas para a criação literária, mas para a vida como um todo. A presença do rio em contos, romances, novelas etc. eleva a personagem rio a um grau de enorme importância dentro da ficção e também da realidade. Talvez, quem sabe, essa importância atribuída, ainda que na ficção, a essa importante dádiva natural, sirva, também de conscientização da grande importância dela para toda a existência.

Quando se realiza uma pesquisa bibliográfica a respeito de uma temática como a aqui abordada, dificilmente não se atenta para outros aspectos da vida. Isso nos leva a perceber que a literatura, muito além do que se possa imaginar, possui essa capacidade – entrelaçar realidade e ficção/ficção e realidade. Quando conseguimos atingir, através de um estudo, uma visão que extrapola os limites da ficção, é porque além das referências bibliográficas adquirimos, também, referências reais sobre a realidade que nos cerca.

Em relação à relevância dessa pesquisa, podemos afirmar que, muito mais que um trabalho literário, a mesma procurou relacionar a importância dos rios não apenas dentro da literatura, mas também, dentro da consciência de cada um que tenha acesso a tal estudo. Como vimos, não é apenas um cenário que transforma o rio em importante elemento de uma narrativa, mas a personificação atribuída a ele. Essa forma enaltecida de enxergar o rio não é apenas pela beleza ou atmosfera de mistério que ele ajuda a criar em uma trama, é pela real possibilidade que ele proporciona à vida.

REFERÊNCIAS

ADOLFS, Marcos A. **Látex**. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2000.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10 ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 2006.

CÂNDIDO, Antônio. ROSENFELD, Anatol. GOMES, Paulo Emílio Salles. PRADO, Décio de Almeida. **A personagem de ficção**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva. 2009.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**. 2 ed. Porto: Livraria Civilização.1931.

FARFAN, Erik von. **Navios roubam água dos rios da Amazônia**. Fonte: Eco 21 Ano XIV-nº93-Agosto - 2004 www.eco21.com.br. Disponível em: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/agua/artigos_agua_doce/navios_roubam_agua_dos_rios_da_amazonia.html. Acesso em 11.06.2018.

FONSECA, Théa. **A História de um Rio**. São Paulo: Salamandra, 1993.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo. 2 reimpressão. Companhia das Letras. 2008.

JACOB, Paulo. **AMAZONAS, Remansos, Rebojos e Banzeiros**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1995.

_____. **Estirão de mundo**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

MARINHO, Adrien. **O roubo da água doce do Brasil**. Fonte: <http://www.Projetomemoria.org>. Disponível em: <http://www.aquarius2036.com.br/2015/08/hidro-pirataria-estao-roubando-nossa-navios-mercantes.html>. Acesso em: 11.06.2018.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 26 ed. São Paulo. Cultrix. 2007.

NOGUEIRA, Fausto. O Tietê. Disponível em: http://www.daee.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=794:o-tiet-po-faustonogueira&catid=54:parque Acesso em: 19/06/2018.

PINTO, Antísthenes. **Várzea dos afogados**. 2 ed. Manaus. Madrugada. 1986.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

SILVEIRA, Maria José (org). **Entre rios**. 1 ed. São Paulo. FTD. 2014.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 2004.

VASCONCELOS, Francisco. **Regime das águas**. 2ª ed. Manaus. Universidade do Amazonas/ Governo do Estado do Amazonas. 1997.

PINTO-COELHO, Ricardo Motta. HAVENS, Karl. **Crise nas Águas. Educação, ciência e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas**. 1ª ed. Belo Horizonte. 2015.